

O NÃO - LUGAR DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA: EM BUSCA DE UMA NOVA PERSPECTIVA

Giceli Ribeiro dos Santos¹

¹Universidade Estadual de Feira de Santana __ Departamento de Letras & Artes __ Residência
Universitária, Campus UEFS, Km 03, BR 116, Novo Horizonte __ 44000-000, Feira de Santana, BA.
E-mail: celfenix@bol.com.br/ celfenix@ig.com.br

Palavras-chave: mulher negra, discriminação, perspectivas.
Área de conhecimento: VII - Ciências Humanas.

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo discutir a situação da mulher negra na sociedade brasileira, especialmente da mulher negra de baixa renda, tão fortemente atingida pela discriminação. Se, para a mulher, de modo geral, vencer as barreiras do preconceito que a cerca foi (e ainda é) uma tarefa árdua e contínua, para a mulher negra e pobre, driblar este obstáculo constitui-se numa dura batalha, diga-se de passagem, três vezes mais dolorosa e difícil que a das mulheres não-negras. É válido observarmos que esta batalha, cujos resultados não são sempre os almejados e, quando o são, não têm o mérito devidamente reconhecido, é fruto da inquietação de algumas dessas mesmas mulheres que, ao longo dos anos, têm-se rebelado contra o sistema opressor instalado no Brasil há séculos. Por tudo isso, este trabalho objetiva não só estabelecer a discussão acerca do assunto mas, sobretudo, vislumbra uma nova perspectiva para a concepção da mulher negra no contexto social brasileiro, dito democrático e, por conseguinte, igualitário.

Palavras-chave: mulher negra, discriminação, perspectivas.
Área de conhecimento: VII - Ciências Humanas.

Introdução

Em doze décadas de abolição da escravatura, à mulher negra ainda não foi dado o direito de participar efetivamente da vida político-econômica e cultural do país, não pelo fato de tal mulher ser incompetente ou incapaz de desempenhar determinadas funções, mas pelas próprias condições de vida às quais esteve limitada, pelas insistentes e bem sucedidas tentativas de fazê-la desistir de seus sonhos, de suas lutas, e de suas aspirações por um mundo melhor, mais justo, no qual ela saísse da condição de objeto e passasse a agir como sujeito de sua própria história.

À mulher negra foram sempre designados os trabalhos braçais, aqueles que pouco exigem do intelecto, causando-lhe uma espécie de morbidez quase irreversível. Não foi preciso que essa mulher saísse de casa para que sentisse na pele a dor do preconceito e da discriminação.

A prática de subjugar a mulher negra vem, muitas vezes, desde sua infância quando pais, irmãos, colegas e, por incrível que pareça, professores, passam a lhe atribuir apelidos pejorativos que vão fazendo com que essa menina vá perdendo aos poucos sua auto-estima. Criticam a cor de sua pele, seu cabelo crespo, o formato de seu nariz, a espessura de seus lábios, enfim,

fazem da sua aparência um martírio que, inevitavelmente, carregará por toda a vida.

A tripla discriminação

Ao longo da história do Brasil, temo-nos deparado com práticas preconceituosas que objetivam, entre outras coisas, menosprezar, humilhar, excluir as chamadas “minorias” do processo de desenvolvimento do país, embora, a olhos vistos, estas “minorias” constituam-se em grande parte da população brasileira. Inserida na “categoria” dos excluídos, encontra-se a mulher negra que, além de ser *mulher*, ser *negra* é, na maioria das vezes, *pobre*. E esse trinômio, no contexto no qual estamos inseridos, é uma verdadeira catástrofe.

Escolarização

Embora o governo federal, ao longo dos anos, tenha lançado diversas campanhas para a inclusão social do negro/afrodescendente, na prática, essas campanhas, ainda, não têm surtido o efeito esperado. Exemplo claro dessa falta de concretização de tais projetos e campanhas tem sido o alto índice de analfabetismo dos afrodescendentes se comparado ao das pessoas não-negras. Dados do censo de 1980 demonstraram que, naquele período, 80% das

mulheres negras conseguiam concluir apenas as quatro primeiras séries do ensino fundamental enquanto que para as não-negras essa porcentagem diminuía para 67%; além do mais, a quantidade de mulheres negras analfabetas era o dobro da de mulheres não - negras. Como conseqüência dessa falta de escolarização, temos um elevado contingente de mulheres negras atuando como domésticas ou em funções consideradas domésticas.

De acordo com PIZA (1994) “as mulheres negras com maior escolaridade [...] vão apresentar uma trajetória ocupacional bem diferenciada das mulheres brancas do mesmo nível educacional” [3].

Apesar disto, vivemos a farsa de que o fator escolaridade é preponderante para que haja a tão sonhada “igualdade de direitos”. Piedade Marques nos adverte dizendo que essa idéia de mobilidade social é fruto de uma ideologia que, em grande parte, não passa de um mito, já que, seguindo esta linha de pensamento, muitas mulheres negras adentraram nas universidades mas não se sentiram contempladas em seus direitos. Pelo contrário, mesmo tendo o 3º grau, muitas destas mulheres estão desempregadas, sendo que a taxa de emprego para ela é de 10, 7%, enquanto para as não-negras é de 24,5% [4].

Ora, se o fator escolaridade fosse, deveras, determinante para essa mobilização social, a taxa de mulheres negras com curso superior, atuando no mercado de trabalho, seria muito maior, embora a quantidade de negras ocupando os bancos das universidades ainda esteja longe do ideal.

O mercado de trabalho

Segundo Benilda Regina Paiva de Brito, durante muito tempo, houve uma forte tendência em se mesclar as reivindicações das mulheres negras com as das não-negras (brancas e amarelas), como se seus anseios fossem os mesmos, advindos apenas do preconceito contra o gênero feminino, entretanto, o movimento negro feminista pôs essa idéia em xeque, uma vez que a questão ultrapassava as barreiras do sexo e adentravam as da classe social e, principalmente, as da raça. [1]

De acordo com pesquisa feita pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estudos Sócio-econômicos) e publicada por Fabiana Futema, de A Folha de São Paulo, é nítida a discriminação sofrida pelas mulheres negras no mercado de trabalho: primeiro por ser mulher, depois, por ser negra; não necessariamente nesta ordem. Mas o fato é que, a mulher negra tem “precisa” trabalhar dobrado, mostrar eficiência, competência e agilidade em qualquer esfera pública e, mesmo alcançando todas essas metas, ainda é obrigada a

conviver com os baixos salários e o fantasma do desemprego que, quando menos espera, ganha forma e transforma-se numa dura realidade. Segundo esta mesma pesquisa, na região metropolitana de São Paulo, a taxa de desemprego da mulher negra é bem maior que da mulher não-negra: enquanto a taxa de desemprego desta é de 18,8%, a daquela é de 26,2%. O desemprego da mulher negra é maior do que do a taxa de desemprego do homem negro (19,9%) e do não-negro (13,3%). [2].

Como se não bastasse, a mulher negra que tem a infelicidade de perder seu emprego, acaba levando mais tempo para conseguir voltar ao mercado de trabalho que a mulher não-negra. Infelizmente, essa não é uma situação única e exclusivamente de São Paulo, ela é vivida diariamente por centenas de mulheres negras de todo o Brasil.

A mulher negra na mídia

Em se tratando de mídia, não precisamos retroceder muito no tempo para observarmos que à negra foram dados (quase) sempre papéis secundários nas tramas televisivas: ela apareceu como a doméstica, a escrava, a prostituta, dificilmente como a *mocinha*, a heroína da trama. Não queremos, aqui, dizer que a relação personagem/negra/situação de submissão seja, em si, preconceituosa, uma vez que, se partirmos de fatos concretos, baseados na realidade que nos cerca, poderemos observar que, devido à falta de oportunidade (aliás, oportunidade negada à raça negra como um todo!) não tem restado a essa mulher muitas alternativas para a mudança: sua baixa escolaridade, seus baixos salários, resultados de séculos de preconceitos e discriminação, sua beleza menosprezada, sua capacidade intelectual diminuída, sua religião subjugada, sua cultura deturpada na escola e na vida.

Ora, em se tratando de mídia, é nítida a discriminação sofrida pela mulher negra nessa área: personagens secundárias, subempregadas, músicas de cunho racista, propagando cuja intenção maior (camuflada, é claro!) é a de vender seus produtos através do convencimento de que a mulher afrodescendente tem por obrigação se igualar à branca, como se esta fosse um modelo a ser seguido; as músicas (se é que assim podem ser chamadas!) tendem a reafirmar, a todo momento, a impossibilidade de se conceber a negra como uma mulher bonita, interessante e inteligente, restando a ela como único atributo, as “qualidades” sexuais resultantes, também, de uma visão absolutamente preconceituosa.

A solidão

A solidão da mulher negra começa desde a infância quando, ainda na escola, é sempre excluída de qualquer manifestação religiosa ou artística. Quem nunca notou que nas apresentações escolares nunca houve lugar de destaque para a menina negra? Quem foi ingênuo a ponto de nunca ter percebido que desde as damas-de-honra às balizas das fanfarras dos colégios eram sempre meninas de pele branca e, por conseguinte, tidas como “as mais bonitas do colégio”, embora o único critério para classificá-las como tal fosse a cor de sua pele?

Infelizmente, essa solidão não termina junto com a infância, ao contrário, ela se estende e se intensifica com o passar dos anos numa progressão aritmética perversa e desumana.

Com a chegada da puberdade, a solidão da afrodescendente tende a aumentar junto com seus seios e nádegas, tão “despadronizados” e, não obstante, torna-se motivo de chacota para muitos.

Muitos são os garotos a ignorá-las, assim como não são poucas as garotas brancas a não quererem sua companhia indesejável. E a esse fato acrescentamos um que embora não seja tão novo, vem contribuindo para o aumento da solidão da mulher negra a cada dia: com a emancipação feminina, a mulher branca, de posse do direito que lhe assiste, passou a optar pelo casamento inter-racial, dando preferência aos homens da etnia negra, o que diminuiu, sobremaneira, as chances de uma mulher negra encontrar um marido, uma vez que o homem branco não seguiu esta mesma tendência, preferindo manter a velha estrutura social, casando-se com mulheres brancas como eles. Já que o número de mulheres é infinitamente maior que o número de homens, e o número de mulheres negras maior que o de brancas, não restou à mulher negra outra opção senão se conformar com a triste realidade da solidão.

Como se não bastasse essa “solidão preestabelecida”, as mulheres negras que conseguem relacionar-se com um homem engravidam e, em curto espaço de tempo são abandonadas, passando a assumir a chefia da família, isso porque, entre outras coisas, a imagem da mulher negra tem sido associada à da prostituta: aquela que é ótima para o sexo, mas que não “serve” para o matrimônio.

Conclusão

Como pudemos observar à luz do exposto, a vida da mulher negra no Brasil tem sido de muita luta e, o que é pior: de muita discriminação e muita desigualdade.

Entretanto, na busca de mudar essa situação, muitas mulheres negras, conscientes de seu valor e do de sua raça, têm buscado, constantemente,

melhorias em sua condição de vida. É óbvio que o trinômio que a cerca (mulher, negra e pobre), parece ser uma barreira quase intransponível, porém, o desejo de vencer, as lutas pela igualdade de direitos têm servido como estímulo para que essas mulheres não desistam de sua causa, e prossigam, na tentativa de ver seus direitos garantido não apenas na forma da lei, mas que se concretizem, de modo que o país repare, verdadeiramente, o mal que tem feito a essa raça durante séculos e, principalmente, a essas mulheres tão massacradas pelas práticas preconceituosas.

Referências

[1] SILVA, Maria Nilza da. A mulher negra. Revista Espaço Acadêmico – Ano II – Nº 22 – Março de 2003 – Mensal – ISSN – 1519.6186. Disponível em:

<http://espacoacademico.com.br/022/22csilva.htm>

[2] Internet site address:
www.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u76844.shtml

[3] Internet site address: <http://www.fpabramo.org.br/td36/td36-sociedade.htm>

[4] MARQUES, Piedade. Mulheres Negras: experiências vividas. Caderno de resumos, Pernambuco, 2001.